

LUZ, SOMBRA, AÇÃO

Abraham Palatnik estudou mecânica, desenho e pintura. Misturou tudo e engendrou uma expressão artística pioneira que mexe, pulsa e vira.

I por renata sant'anna

Não era pintura, não era escultura nem gravura ou desenho. Sem pertencer a nenhuma das categorias tradicionais da arte, o primeiro cinecromático de Abraham Palatnik não foi aceito de imediato pela organização da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1951. Resultado de suas pesquisas com luz e movimento, a obra *Azul e Roxo em Primeiro Movimento* era uma pintura de luzes projetadas em uma tela de plástico transparente com movimentos rítmicos de lâmpadas que acendiam e apagavam, regidas por uma engrenagem movida por um motor elétrico.

Depois de ter sido recusado, por não estar de acordo com as regras da instituição, que pretendia ser de vanguarda, o trabalho foi incorporado à mostra para compor o espaço reservado às obras japonesas, que não chegaram a tempo. Apesar da resistência inicial da comissão organizadora, a "máquina de pintar" de Palatnik recebeu menção honrosa do júri internacional.

A exposição do aparelho cinecromático, como o denominou o crítico de arte Mário Pedrosa (1900-1981), tornou visível um trabalho que Palatnik desenvolvia discretamente em seu ateliê, no Rio de Janeiro, desde 1949. A partir de então, ele expôs

seus trabalhos em várias bienais de São Paulo e na 22ª Bienal de Veneza, em 1964. Nessa cidade, a atenção que sua obra despertou culminou no convite para participar de importantes mostras internacionais de arte cinética, que explora os efeitos do movimento físico ou ilusório. Era o início de uma trajetória que inscreveu Abraham Palatnik na história da arte como precursor das pesquisas em arte e tecnologia no Brasil e no mundo, antecedendo até os trabalhos de Frank Malina (1912-1981) e Nicolas Schöffer (1912-1992), dois outros pioneiros dessa linguagem.

Filho de judeus russos, mas nascido em Natal em 1928, Palatnik mudou-se para Israel com apenas 4 anos. Lá, fez um curso profissionalizante em motores de explosão, destacando-se por sua habilidade no desenho. Tão exímio já era o traço de Palatnik, que seu professor chegou a raptar o caderno do aluno. O gosto acabou levando o rapaz para o Instituto Municipal de Arte, em Telavive, onde estudou pintura, desenho e história da arte. Ao retornar para o Brasil, 16 anos depois, fixou residência no Rio de Janeiro e passou a frequentar com o pintor Almir Mavignier a casa de Mário Pedrosa. Curiosamente, a relação com esses dois amigos o levou a encontrar o caminho para sua arte.

Por meio de Mavignier, o artista conheceu o trabalho dos pacientes esquizofrênicos da dra. Nise da Silveira no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro. A aptidão pelo desenho e a segurança com os pincéis e tinta, que lhe conferiam con-

fiança como pintor, foram abaladas pelo contato com os desenhos e as pinturas dos internos, que produziam obras tão densas sem nunca terem recebido qualquer formação artística. Diria ele mais tarde: "Aquele impacto ruiu o meu castelinho e me

fez abandonar a pintura".

A familiaridade com motores e circuitos elétricos e a pesquisa com eletroímãs, no entanto, o orientaram para outro campo: o magnético. E assim o artista-inventor prosseguiu sua trajetória da oficina para a galeria criando, em 1964, objetos cinéticos construídos com hastes metálicas e pequenos discos de madeira de várias cores que se movimentam. Ao contrário dos aparelhos cinecromáticos, nos quais as engrenagens são invisíveis, nos objetos cinéticos o equipamento se integra à obra e fica exposto.

Uma das obras mais expressivas do mestre das artes em movimento, o *Objeto Cinético* (à direita) é feito de aço, madeira pintada, latão e motores.

Se você já viu quadros com efeito de optical art atribuídos a Palatnik, não estranhe. Essas progressões, como ficaram conhecidos, integram a diversidade criativa do artista. As de madeira resultavam do reordenamento dos veios dessa matéria-prima cortada em lâminas finas e depois realinhadas, construindo ritmos ondulatórios na superfície. Outras progressões foram realizadas posteriormente com a sobreposição de folhas de papel e também com cordas sobre tela.

Paralelamente às invenções artísticas, a criação de equipamentos industriais é outro forte desse homem – responsável pela máquina de quebrar coco debabaçusemferiraseamente, patenteada em 1952. Uma grande retrospectiva, mostrando desenhos do período de seu curso em Telavive, croquis de suas máquinas industriais e sua produção artística, realizada no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, em 1999, reacendeu o interesse de colecionadores, galeristas e artistas jovens pela obra do mestre da união entre arte e tecnologia e impulsionou exposições em diferentes cidades do Brasil. Em uma delas, realizada em São Paulo, na Galeria Nara Roesler, em 2005, Renata, casada com o filho da galerista, apaixonou-se pela obra que ilustrava o convite de abertura, uma progressão a óleo. Renata guardou o convite com a meta de adquiri-la. Há dois anos, ao visitar a galeria da mãe, Alexandre se surpreendeu ao encontrar a obra que despertou a paixão de sua mulher disponível no acervo da galeria. “Com um desconto familiar e algumas prestações, consegui comprar. Hoje, ela vale algumas vezes mais do que pagamos. Talvez por pertencer a uma série feita com cordas da qual ele produziu poucas obras”, diz. Foi um investimento certo, não só pelo aspecto financeiro. Como escreveu o autor francês Daniel Pennac, “amar é, pois, fazer dom de nossas preferências àqueles que preferimos”. ■

Renata Sant'Anna é mestre em artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)

